

Entrevista de pesquisa e migração internacional de brasileiros: construções identitárias na relação com atividades de trabalho*

Maria das Graças Dias Pereira**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Focalizo, no estudo, a construção de identidades de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos a partir de suas avaliações e/ou posições sobre o pertencimento ou não pertencimento a categorias sociais de trabalho por eles construídas na interação. As categorias em que se inserem não refletem reconfigurações das habilidades profissionais da nova ordem do trabalho. No retorno ao país de origem, há reconfiguração das construções identitárias, mas a viagem permanece como 'uma fronteira aberta' nas expectativas de vida e de desestabilização identitária dos imigrantes.

Palavras-chave: entrevista de pesquisa; migração internacional de brasileiros; identidade; trabalho.

Abstract

This study focuses on the construction of the identity of Brazilian immigrants in the United States through their evaluations and/or positions on belonging, or not, to the social categories of work that they construct during interaction. The categories in which they find themselves do not reflect reconfigurations of professional abilities in the new work order. On their return to their country of origin, there is a reconfiguration of the identity constructions, but the journey is still an "open frontier" in the life expectations and the identity destabilization of the immigrants.

Key words: interview research; international migration of Brazilians; identity; work.

* Recebido em 15 de outubro de 2008. Aprovado em 27 de outubro de 2008.

** Doutora em Linguística Aplicada pela PUC-RJ. É professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-RJ.

Résumé

Je mets au point, dans l'étude, la construction d'identités d'immigrants brésiliens aux États-Unis à partir de leurs évaluations et/ou positions sur l'appartenance ou non-appartenance aux catégories sociales de travail construites par eux dans l'interaction. Les catégories où ils s'insèrent ne reflètent pas les reconfigurations des habiletés professionnelles du nouvel ordre de travail. De retour au pays d'origine, il y a la reconfiguration des constructions identitaires, mais le voyage reste comme "une frontière ouverte" dans les attentes de vie et déstabilisation identitaire des immigrants.

Mots-clé: interview de recherche; migration internationale de Brésiliens; identité; travail.

1. Introdução

Focalizo, neste estudo, a configuração e reconfiguração das identidades de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos na relação com atividades de trabalho desprestigiadas, considerando as circunstâncias da decisão de ir para os Estados Unidos, a permanência e o retorno, mostrando as instabilidades/ oscilações, vertigens e estados de equilíbrio nas construções identitárias de ordem profissional.

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa (Denzin; Lincoln 2006). Os dados para reflexão são de entrevistas gravadas com dois casais de mineiros do Vale do Rio Doce — Sara e Gilson, Mércia e Sílvio — que foram para os Estados Unidos em 1989 e retornaram em 1993 e 1994. Incluem-se nos imigrantes de retorno. As gravações foram transcritas a partir de critérios da análise da conversa (Atkinson; Heritage 1984) e da análise do discurso (Schiffrin 1987; Tannen 1989).

A construção das identidades dos imigrantes é vista nas relações entre perguntas e respostas, no contexto de entrevistas de pesquisa sociolinguística e etnometodológica (Misher 1986; Fontana; Frey 2000; Holstein; Gubrium 1997), em suas avaliações e/ou posições (Linde 1997; Schiffrin 1987; 1990; Shi-xu 2000; Hunston; Thompson 2003) na relação de pertencimento ou de não pertencimento a atividades de trabalho construídas na interação (cf. Sacks 1992; Mäkitalo; Säljö 2002:62-3).

2. Análise dos dados

Em minha análise, a seguir, procuro mostrar como os imigrantes brasileiros, sujeitos de minha pesquisa, constroem as suas identidades, através de seus relatos no contexto da entrevista. Focalizo as

circunstâncias da decisão de ir para os Estados Unidos, a permanência e o retorno, mostrando a configuração e reconfiguração de suas construções identitárias, a partir de suas avaliações e posições sobre suas atividades de trabalho (Pereira 2004).

2.1 Instabilidades e vertigens no projeto de vida pessoal e profissional

Os dois casais — Sara e Gilson, Mércia e Sílvio — têm em comum o fato de estarem no início do projeto do casamento, no momento de decisão pela migração. Há diferenciações, no entanto, em relação às instabilidades de ordem pessoal e profissional, bem como nas circunstâncias de realização da viagem, como veremos a seguir.

(i) Sara e Gilson

Sara e Gilson têm, em especial, o projeto do casamento que se concretiza de forma concomitante à decisão da viagem.

Frag. 1

T. 41 Graça Ah:::como que foi essa história de ir pros Estados Unidos?

T. 42 Gilson Na verdade eu, eu, eu nunca tive o sonho de ir pros Estados Unidos (...)

T. 43 Graça Uhum:

T. 44 Gilson Então eu, eu na época que eu namorava com a Sara, eu queria não quer dizer casar e tal e::a situação financeira naquela época não dava ((interferência na gravação)) não tava lá grandes coisas.

() um amigo veio..é::um amigo, tinha um amigo meu veio aqui=

T. 45 Graça = uhum

T. 46 Gilson Legalizado também, brasileiro legalizado, veio passear e tal e::() esse amigo nos convidou pra que a gente fosse com ele, tá, se a gente queria ou não.

T. 47 Graça °uhum:°

T. 48 Gilson Isso foi engraçado né, porque eu fiquei noivo numa semana e casei na outra e viajei. Passei a lua de mel pelo México a fora↓ ((risos da Graça)) sabia disso não?

T. 49 Graça Não.=

T. 50 Gilson =não contou isso não? É::foi brincadeira não↓ [fiquei noivo]

T. 51 Graça [assim em menos] de um mês?

T. 52 Gilson Não fiquei noivo numa quinta-feira casei na outra=

T. 53 Graça =Hum:↑

T. 54 Gilson E viajando, naquele entendeu? Foi uma loucura um, um é:: teve, ainda tinha antigamente você comprava dólar no [banco]

Gilson, após a pergunta da entrevistadora “Ah::como que foi essa história de ir pros Estados Unidos?” (T. 41), responde “Na verdade eu, eu, eu nunca tive o sonho de ir pros Estados Unidos” [...] (T. 42). A seguir, ele relata como foi a decisão da viagem e do casamento, de forma simultânea.

Gilson coloca, inicialmente, as circunstâncias, que remetem ao namoro - “na época que eu namorava com a Sara” —, à situação financeira da época “a situação financeira naquela época não dava” e à interferência do amigo “um amigo veio..” [...] “esse amigo nos convidou pra que a gente fosse com ele”. Podemos ver a influência de uma terceira pessoa nas decisões, na medida em que, como havia mencionado antes, ele não tinha “o sonho de ir pros Estados Unidos”. A seguir, ele menciona os fatos simultâneos “porque eu fiquei noivo numa semana e casei na outra e viajei. Passei a lua de mel pelo México a fora”. Ele avalia tais fatos como “Isso foi engraçado né”, “Foi uma loucura”, “É::foi brincadeira não”, dando a conotação da ‘vertigem’ da tomada de decisão, partilhada pela entrevistadora, em sua expressão de surpresa “[assim em menos] de um mês?” (T. 51) e nos risos (T. 48). As instabilidades da decisão do casamento, no relato de Gilson, assemelham-se às circunstâncias da viagem pela fronteira do México.

Na entrevista com Sara, que foi realizada antes, podemos ver que ela ratifica a questão financeira e a influência de amigos, na decisão de ir.

Frag 2

T. 236 Graça E quando, quando vocês foram, por que que cês decidiram ir? Como foi?

T. 237 Sara Porque foi assim nós casamos e::Gilson falou assim “Sara emprego aqui tá muito difícil a gente começar do zero aqui neste país você sabe que é difícil↓”. E eu tenho uma amiga que::conhece pessoas que:levava-- nós fomos pelo México.

Sara, através do discurso relatado, atribui a Gilson a avaliação das circunstâncias de obtenção de emprego que funciona como motivação da decisão “Sara emprego aqui tá muito difícil a gente começar do zero aqui neste país você sabe que é difícil↓”. O casal vai assim em busca de novos rumos, com a possibilidade de garantia do seu projeto de vida, respaldado pelo apoio de terceiros, na voz de Sara “E eu tenho uma amiga que::conhece pessoas que:levava-”.

(ii) *Mércia e Sílvio*

Mércia e Sílvio estavam no início de seu casamento. O projeto profissional do casal já parecia estar delineado. Logo no início da

entrevista, Mércia confirma “Tá ligado?” (T.1), referindo-se ao gravador e, mediante a resposta afirmativa de Sonia “Ta”, dá início a seu relato sobre as circunstâncias da decisão da viagem.

Frag. 3

- T. 1 Mércia Ta ligado?
T. 2 Sonia Ta.
T. 3 Mércia [...] Na época eu lecionava é:: pra escola primária né?
Eu dava aula pra terceira série numa escola particular e:: Sílvio trabalhava na Acesita
Então a gente tava conversando num domingo num sítio é:: tomando um sol e NÉ?
Todo mundo conversando aí alguém falou assim “Por que que vocês não vão pros Estados Unidos?”
A gente nunca tinha pensado. Aí nós achamos assim na hora nós num, num né↑ num num questiona:::↑mos não foi pra frente não, aí depois a gente começou a conversar sobre isso.
Aí falou “por que não?” Né?
Aí resolvemo mesmo, arrumamo a papelada em julho. Sílvio isso foi assim deve ter sido assim em mar:::ço de oitenta e no::vê, abril alguma coisa assim.
Em julho nós fomos ao- nós mesmos fomos ao consulado, conseguimos o visto=
T. 4 Sonia =tranquilo.
T. 5 Mércia Tranquilo. Entramo na fila com-
T. 6 Sonia Da primeira vez?
T. 7 Mércia Da primeira vez. Por isso que nós achamos assim (.) que entendeu↑ que tinha alguma coisa pra gente, porque foi tão fácil não teve a interferência de ninguém. Tiramos o passaporte pelo correio, né↑ depois fomo lá, nós mesmos pegamo o ônibus fomos pronto.

Mércia relata que era professora do antigo curso primário,¹ em uma escola particular, e que Sílvio era técnico de uma companhia da área de siderurgia, a Acesita. O projeto profissional do casal já estava, portanto, em curso. O projeto da viagem surge na forma de discurso relatado, quando Mércia reproduz as circunstâncias de uma conversa em um domingo em um sítio, sobre a influência de uma terceira pessoa, de forma semelhante ao que ocorreu com Sara e Gilson “aí alguém falou assim “Por que que vocês não vão pros Estados Unidos?”. Também menciona que “A gente nunca tinha pensado.” A decisão surge, depois, de uma conversa do casal “aí depois a gente começou a conversar sobre isso. Aí falou “por que não?” Né?”. A decisão não envolve, portanto,

¹ Atualmente denominado de ensino fundamental.

angústia nem ansiedade, como ocorreu com Sara e Gilson. Podemos ver que, no relato do episódio seguinte, o da arrumação dos documentos para a viagem, Mércia faz avaliação positiva das circunstâncias, ao dizer “nós achamos assim (.) que tinha alguma coisa pra gente, porque foi tão fácil, não teve a interferência de ninguém”.

Sílvio, em seu relato, menciona também a influência de terceiros em sua decisão.

Frag. 4

T. 16 Sílvio [...] sempre vinha fotos de pessoas que estavam trabalhando na, na usina e mandavam pra- colegas e a gente via. “Por que a gente não pode ir pra lá, né?” e aquela falta de perspectiva de, de, de uma promoção pra técnico, a gente via que a gente não ia consegui passar da’onde tava o supervisor da gente então não tinha condições mesmo de continuAr ali. Então a gente, nós, eu era recém-casado. Eu e minha esposa (fomos um dia) tirar o visto e tentar. E demos muita sorte, fomos no Rio conseguimos o visto e preparamos tudo pra gente ir pros Estados Unidos.

Ele descreve situações em que eram mostradas fotos de pessoas que estavam nos Estados Unidos e cita falas de motivação para a ida “Por que a gente não pode ir pra lá, né?”. Suas razões são, por outro lado, de ordem profissional, como na sua fala: “falta de perspectiva de, de, de uma promoção pra técnico”. Sílvio avalia também de forma positiva as circunstâncias da viagem — “E demos muita sorte”, ao falar sobre a obtenção do visto para a viagem.

4.1 Múltiplas atividades: a inserção no contexto de trabalho na sociedade americana

Nesta seção, procuro destacar as categorias de pertencimento dos participantes em atividades de trabalho em que se incluem ou das quais se excluem. Procuro ver também como eles constroem tais categorias, como organizam seu conhecimento e, sobretudo, como avaliam e se posicionam em relação ao pertencimento a essas categorias.

Inicialmente, é interessante destacar a resposta de Gilson à minha pergunta “Quantos foram os trabalhos que você fez?” (T. 105). Vejamos, a seguir.

- Frag. 5
- T 105 Graça Quantos foram os trabalhos que você fez?
- T 106 Gilson Quantos?
- T 107 Graça E que ela, a Sara estava me dizendo que às vezes você pegava dois tipos de trabalhos diferentes.
- T 108 Gilson É::eu quando vim embora eu tinha quatro trabalhos =
- T 109 Graça Quatro trabalhos↑
- T 110 Gilson Quatro trabalhos diferentes↓
(...)
- T 118 Gilson Mas brasileiro em si, se faz de tudo naquela terra↓
- T 119 Graça Uhum:
- T 120 Gilson desde que ele tem coragem=
- T 121 Graça =uhum
- T 122 Gilson de encarar, nunca tive receio de fazer nada não.

Gilson diz: “É::eu quando vim embora eu tinha quatro trabalhos” (T. 108); “brasileiro em si, se faz de tudo naquela terra” ↓ (T.118), “Desde que ele tem coragem” (T. 120). Ele afirma aqui a sua posição de enfrentamento dos desafios dos trabalhos: “nunca tive receio de fazer nada não” (T. 122) e constrói a imagem do brasileiro imigrante que realiza todo tipo de trabalho.

4.2.1 A construção de identidades femininas

4.2.1.1 A categoria de *diswasher*

Nessa categoria, estamos tratando das identidades construídas na relação com atividades de limpeza, sejam essas no lar ou em outros contextos.

(i) Sara:

“quem não fala nada de inglês é tudo a dish=
Aí vai tudo pra dish que aí não precisa conversar é só lavar vasilha.

O relato de Sara sobre as suas experiências com as atividades de trabalho é interessante, porque ela estará construindo não apenas sua identidade, mas também uma das identidades de grupo do imigrante brasileiro, na relação com o trabalho.

- Frag. 6
- T. 144 Graça Ai, ai. Mas cê quer falar do seu outro trabalho↑?
- T. 145 Sara Ah, meu outro trabalho já era limpeza eu trabalhava à noite,

- trabalhava no escritório aí ficava sozinha.
- T. 146 Graça Uhum
- T. 147 Sara Começava das cinco horas era o horário que tinha acabado o expediente então eu ficava muito sozinha limpando aí era um trabalho mais difícil que limpeza não era fácil eu ficava até as 10 horas trabalhando. Depois ainda pegava o metrô pra voltar pra casa eu trabalhava no centro de Boston.
- T. 148 Graça Uhum
- T. 149 Sara Então já era assim um trabalho mais pesado. Então era assim era um trabalho mais difícil mais pesado e era só brasileiro só imigrante que trabalhava lá. Que esse tipo de trabalho é só os imigrantes que fazem: lavanderia, limpeza, limpeza de casa, restaurante, dish que é o mais famoso lá, que quem não fala nada de inglês é tudo a dish=
- T. 153 Sara Aí vai tudo pra dish que aí não precisa conversar é só lavar vasilha. Mas quem atende no balcão precisa de inglês. Mas aí só vai pegar um balcão pra atender mesa assim só depois que tiver um bom inglês. Porque se não tiver, não tem jeito. Gilson por exemplo trabalhava entregando pizza mas tinha que ter o inglês porque tinha que entregar as pizzas, receber, ter os endereços quer dizer tudo isso precisa de um bom inglês↓. Agora quem chega lá vai fazer os piOres serviços.. quando você não tem o inglês↓.

Ao falar de seu trabalho de limpeza à noite, Sara aponta as circunstâncias, que funcionam como suporte de suas avaliações negativas: “eu trabalhava à noite”, “trabalhava no escritório aí ficava sozinha” (T. 145), “Começava das cinco horas era o horário que tinha acabado o expediente então eu ficava muito sozinha”, “eu ficava até as 10 horas trabalhando” , “Depois ainda pegava o metrô pra voltar pra casa” (T. 147). Suas avaliações apontam assim a solidão e a aridez do trabalho, de forma enfática: “aí era um trabalho mais difícil que limpeza não era fácil”, “Então já era assim um trabalho mais pesado”, “Então era assim era um trabalho mais difícil mais pesado” (T. 149).

Ela não constrói, no entanto, apenas uma identidade individual; ela traz, em sua fala, uma construção identitária de grupo. Ela atribui esse tipo de trabalho aos imigrantes “e era só brasileiro só imigrante que trabalhava lá” (T. 149). Ela nomeia o ‘brasileiro’ e expande o âmbito do grupo para imigrantes em geral “Que esse tipo de trabalho é só os imigrantes que fazem”. Ao nomear as áreas de trabalho, inclui “lavanderia, limpeza, limpeza de casa, restaurante, dish” (T. 149).

Sara tem consciência das limitações do trabalho de 'brasileiro' que não domina o idioma "que quem não fala nada de inglês é tudo a dish=" (T.149); "Aí vai tudo pra dish que aí não precisa conversar é só lavar vasilha." (T. 153)

Ao falar sobre a necessidade do domínio do idioma, ela introduz outras atividades de trabalho — atendimento ao balcão, entregador de pizza (trabalho de Gilson, seu marido), para quem domina o inglês. E avalia como "os piOres serviços" (T. 153) para quem não tem o domínio do idioma.

(ii) *Mércia*:

"...eu não tenho num tinha preconceito de trabalhar (...) e trabalhar lavando vasilha, né↑."

Mércia avalia de forma positiva não somente as suas atividades de trabalhos de limpeza no ambiente doméstico, mas, sobretudo, a sua relação e a de Sílvio com a experiência de migração para os Estados Unidos. Vejamos o frag. 7, a seguir.

Frag. 7

T. 11 Mércia (...)

Mas assim↓ é:: eu acho que, que ir pros(.) Estados Unidos pra nós foi excelente, mas não se encai:xa na vida de todo mundo, tá↑ Não é uma coisa assim que eu ache que dá pra todo mundo fazer.

Porque EU assim apesar de, de, de, da, da gente te né assim, sei lá, vivido uma vida relativamente boa: estudando em escola particular e tudo e lá assim a minha família >é todo mundo< muito SIMples, né↑ de, de, de, de assim em ca::sa é >tudo< mui- é tudo muit SIMples tipo família muito SIMples.

Então assim, a gente num tinha eu num eu assim eu num:: eu não tenho num tinha preconceito de trabalhar, de fazer as coisas e isso eu acho que tem gente muita gente- num tem essa, essa, essa, sabe↑ essa, essa disposição de chegar num lugar e e trabalhar lavando vasilha, né↑.

Então isso nós tivemos muita sorte porque Sílvio também, ele já teve essa criação que na casa dele eram SE::te filhos e a mãe sem:::pre exigiu né↑ que eles ajudassem(.). então era normal. sabe↑ os homens ajudarem, faz ter obrigação dentro de casa, né↑.

Então assim pra nós::, isso foi muito simples, mas a minha mãe: quando chegou lá, ela foi em noventa e três ela foi me visitar↓ que ela me vi:u limpan:do ca::sa e fazem::do as co::isas ela eu senti que ela ficou assim=

T. 12 Sonia =Se sentiu mal né?

T. 13 Mércia É ela sentiu, entendeu↑. Porque pra mim era su:per natural que

eu ganhava (risos) MUITO pra fazer aqui:lo então não tava nem, nem me mas é o que eu AMO fazer is:so(.) entendeu↑ se me entregar uma cozinha falar pra cê cozinhar, uma casa pra arruma, eu vô e arrumo a casa feliz. Entendeu. Eu GOS::to disso(.) entendeu↑. Eu não ligo di fazer(.) entendeu↑. Não sentia que eu tava humilhada.

Podemos ver que Mércia avalia sua experiência como ‘excelente’ — “Mas assim↓ é:: eu acho que, que ir pros(.) Estados Unidos pra nós foi excelente” e destaca que “não se encaixa na vida de todo mundo”. A seguir, ela procura construir suas origens familiares com caracterização de simplicidade “e lá assim a minha família >é todo mundo< muito SIMples, né↑”, mas anuncia o contraste que dá pistas de sua inserção em uma classe social mais favorecida “apesar de, de, de, da, da gente te né assim, sei lá, vivido uma vida relativamente boa” e ter estudado em escola particular.

Ao construir sua posição em relação à atividade de trabalho, ela procura se diferenciar daqueles que não se adaptam bem aos trabalhos de limpeza: “:: eu não tenho num tinha preconceito de trabalhar, de fazer as coisas e isso eu acho que tem gente muita gente- num tem essa, essa, essa, sabe?” (T. 11).

Sua contextualização na família é retomada e é a partir da metáfora da família que Mércia justifica sua posição e constrói seu sistema de coerência (Linde 1993) de não preconceito em suas atividades de trabalho, incluindo Sílvio: “... porque Sílvio também, ele já teve essa criação que na casa dele eram SE::te filhos e a mãe sem::pre exigiu né? que eles ajudassem(.) então era normal, sabe↑ os homens ajudarem, faze ter obrigação dentro de casa, né?”(T. 11). Sua avaliação positiva “Então isso nós tivemos muita sorte” aplica-se não somente à situação específica do trabalho doméstico, mas à trajetória da migração do casal.

Mércia fala, no entanto, do estranhamento de sua mãe: “mas a minha mãe: quando chegou lá, ela foi em noventa e três ela foi me visitar↓ que ela me viu limpan:do ca::sa e fazen::do as co::isas ela eu senti que ela ficou assim= (T. 11). Sonia, a entrevistadora, complementa “Se sentiu mal né?” (T. 12) e Márcia confirma, e introduz suas razões de ganhos financeiros “Porque pra mim era su:per natural que eu ganhava (risos) MUITO pra fazer aqui:lo”, que justificavam a sua posição de gostar de fazer o trabalho “... eu AMO fazer is:so(.) entendeu? ↑” (T13) e de não se sentir humilhada. (T. 13).

4.2.1.2 A categoria de 'cuidadora'

Nesta categoria, estamos tratando da construção de identidades junto a trabalhos que envolvem as pessoas e o lar, especialmente de crianças (Flescher 2001) ou de idosos em asilos (Sales 1999; Paoletti 2002). Sara se inclui no trabalho com as pessoas idosas.

Frag. 8

- T. 135 Sara Elas eram muito carentes, sabe?
(gritos de crianças) nossa eu ficava, as vezes eu ficava triste com elas↓ assim.
Mas na maioria das vezes elas eram felizes, umas cantavam outras tocavam violão umas tocavam piano tinha uma que tocava piano maravilhosamente bem.
O dia mais triste dela era o dia que ela sentava ali e tocava o dia inteiro.
Quando ela se sentia triste você podia saber que ela tava no piano.
- T. 137 Sara E::↑ toca↑va, toca↑va.
Era muito bom. Eu gostava muito de trabalhar lá↓.
E eu trabalhava sábado e domingo só porque era o dia mais alegre lá dentro.

Ela se envolve emocionalmente com o trabalho “nossa eu ficava, as vezes eu ficava triste com elas↓ assim.”, mas avalia essa atividade de forma positiva “Era muito bom. Eu gostava muito de trabalhar lá↓”..

Sara constrói sua identidade de 'cuidadora' com foco nas pessoas, ao partilhar do sofrimento das idosas que ficam nos asilos. Suas emoções apontam para a solidariedade no contexto do trabalho.

Mércia também se inclui na categoria de 'cuidadora', mas em relação a crianças.

Frag. 9

- T. 13 Mércia MUI::to acho que devido assim↓ é, é quando eu che eu, eu cheguei assim eu tinha já uma brasileira que tava lá que é daqui que estudo comigo então ela na academia de ginástica que ela ia, ela ficou conhecendo um americana que já já tinha tido uma babá do menino brasileira e que queria OUtra Brasileira.
Então:: eu quando cheguei↓ ela já me levou nessa casa eu não sabia fala nada né↑.
Só palavrinhas BÁsicas assim soltas
ela eu, eu sempre tinha um dicionário e, e, e ela a primeira a primeira experiência minha foi ficar com o menino pra eles irem ao cinema.

Sei que o menino choro TANTo, TANTo, TANTo ((risos da entrevistadora)) e ele tinha cinco anos. E Ela deixou o telef:ne do cinema pra mim.

E eu não sei co::mo que Deus me ajudou porque eu, eu ligue::i eu falei o nome deles e eu não, não sei não LEMbro o que eu falei.

Sei que eu conse:gui:: acessar(.) entendeu↑. Eu consegui eles vieram pra casa.

Eu falei" gente minha vida tá profissional tá acabada", (risos) né↑."Eu nunca mais vou conseguir".

E ela assim eu dei MUI::ta sorte.

É uma pessoa dum coração muito grande que assim, que "não, eu quero é VOcê::" insisTIU ni mim <que eu fiquei trabalhando com ela cinco anos até vim embora.

Ao falar sobre seu primeiro emprego, de "babá", quando chegou aos Estados Unidos, Mércia relata que conseguiu o trabalho através de uma amiga, presente na orientação da narrativa: "quando eu che eu, eu cheguei assim eu tinha já uma brasileira que tava lá que é daqui que estudou comigo" e ressalta a escolha por uma brasileira "já tinha tido uma babá do menino brasileira e que queria OUtra Brasileira".

A seguir, ela já indica o ponto de sua narrativa: o fato de não saber inglês: "Então:: eu quando cheguei, ela já me levou nessa casa eu não sabia fala nada né? Só palavrinhas BÁsicas assim soltas." O fato que gerou sua angústia foi a experiência de ficar com o menino para o casal ir ao cinema e o menino ter chorado.

A resolução do conflito vem através de ter, mesmo com dificuldades de falar o inglês, ter conseguido utilizar o telefone "eu ligue::i eu falei o nome deles" e de ter "conse:gui:: acessar". O sistema de coerência que articula, em suas razões, é a ajuda divina e a sorte; e assim ela avalia "eu dei MUI::ta sorte" porque conseguiu resolver o problema e porque a pessoa com que trabalhava tinha um "coração muito grande".

4.2 A construção de identidades masculinas

As atividades de trabalho dos homens, embora possam também estar vinculadas a atividades de limpeza, voltam-se mais para atividades que envolvem necessidade de comunicação.

(i) *Gilson*

A categoria de entregador de pizza

Gilson, como vimos no relato de Sara, trabalhava como entregador de pizza. Neste tipo de trabalho, também é necessário saber inglês: “tinha que ter o inglês porque tinha que entregar as pizzas, receber, ter os endereços quer dizer tudo isso precisa de um bom inglês” (T. 153).

Frag. 10

- T. 105 Graça Quantos foram os trabalhos que você fez?
T. 106 Gilson Quantos?
T. 107 Graça E que ela, a Sara estava me dizendo que às vezes você pegava dois tipos de trabalhos diferentes.
T. 108 Gilson É::eu quando vim embora eu tinha quatro trabalhos =
T. 109 Graça Quatro trabalhos↑
T. 110 Gilson Quatro trabalhos diferentes↓
T. 111 Graça °Hum:: ué:: [mas quatro por quê?]
T. 112 Gilson [é as oportunidades assim] de acordo que você a princípio você pega o que, o que vem depois você vai é::não aprimorar você vai melhoRANdo=
T. 124 Gilson Fiz, trabalhei com limpeza, limpeza industrial=
T. 125 Graça =uhum.
T. 126 Gilson É::o que eu mais fiz lá foi entrega de pizza, eu trabalhava como (delivered) né?
Então::é uma coisa boa↓
T. 127 Graça Uhum::
T. 128 Gilson Foi uma experiência fantástica=

Na entrevista com Gilson, ele menciona brevemente o seu trabalho com limpeza industrial “trabalhei com limpeza, limpeza industrial=” (T.125), mas é na categoria de entregador de pizza que ele se envolve e dá a dimensão dessa categoria. Ele diz: É::o que eu mais fiz lá foi entrega de pizza (T. 126) e avalia positivamente “Então::é uma coisa boa↓” (T. 126); “Foi uma experiência fantástica=” (T. 128).

Gilson, na parte final da entrevista, retoma novamente essa categoria e amplia, ao incluir outras pessoas: “E nós éramos nove motoristas brasileiros.” (T. 1)² [...] um russo, dois, dois, dois indianos e um ou dois americanos se tivesse era muito (T.5).

Frag. 11

- T. 1 Gilson Eu trabalhei com, com, com, com entrega de pizza, né?
E nós éramos nove motoristas brasileiros.
T. 2 Sílvio Nossa!

² A parte final da entrevista foi gravada no outro lado da fita.

- T. 3 Gilson Nove brasileiros,
 T. 4 Graça Hum.
 T. 5 Gilson um russo, dois, dois, dois indianos e um ou dois americanos se tivesse era muito.
 Então dentre no- todos nós, o cara tinha uma quantidade pequena pra entregar uma média de mil e quinhentas pizzas por noite.
 Era uma loucura, só se rodar o Rio de Janeiro, 110 quilômetros por noite entregando pizza.
 T. 6 - Graça Nossa!

Ele dá assim a dimensão de um tipo de trabalho executado principalmente por brasileiros, incluindo imigrantes de outros países, e poucos americanos. Procura também destacar a quantidade das entregas “o cara tinha uma quantidade pequena pra entregar uma média de mil e quinhentas pizzas por noite” e o ritmo ‘acelerado’ do tipo de trabalho “Era uma loucura, só se rodar o Rio de Janeiro, 110 quilômetros por noite entregando pizza.” (T. 5).

(i) *Sílvio:*

o emprego do amigo

“O único problema é que você no emprego você não sabe o quê que você vai fazer [...] o primeiro emprego seu é de acordo com a amizade que ocê tem.”

A posição e a argumentação de Sílvio são interessantes pela consciência que demonstra nas limitações de atividades de trabalho vinculadas apenas às relações de amizade.

Frag. 12

T. 17 Sonia =é fácil arrumar um emprego lá, rapidinho?

T. 18 Sílvio O emprego é muito fácil, basta querer trabalhar porque emprego é o que mais tem.

E pelo fato de já ter muito brasileiro, então fica mais fácil de ter chegando na casa de alguém.

O único problema é que você no emprego você não sabe o quê que você vai fazer porque- se ((risos de Sônia ao fundo)) você vai pra casa dos seus amigos e eles trabalham em padaria, você vai ter que trabalhar na padaria porque é ali que eles vão conseguir emprego pro cê.

Se seu amigo trabalha em restaurante, sua tendência é arrumar emprego na área de restaurante.

Na área de construção civil tem algum amigo que trabalha, então você acaba arrumando emprego na área de construção civil.

Então a, a o emprego o primeiro emprego seu é de acordo com a amizade que cê tem.

- T. 19 Sonia (lá é).
- T. 20 Sílvio É em função dessa amizade porque- ce tá indo né? Não tem aonde procurar o emprego, não sabe falar, então fica difícil e você vai depender dos amigos mesmo.
Aí com o tempo se você procurar estudAR e tal a língua aí que você começa a procurar uma coisa melhor.

Ao responder à pergunta da entrevistadora “é fácil arrumar um emprego lá, rapidinho?” (T.17), Sílvio afirma que “O emprego é muito fácil, basta querer trabalhar porque emprego é o que mais tem.” (T. 18). Ele justifica as limitações das opções de escolha, em função da dependência das relações de amizade para obter o emprego. Podemos ver, novamente, a consciência da necessidade de pertencimento à comunidade de comunicação local como forma de autonomia e da possibilidade de melhores opções de emprego. Sílvio rejeita, portanto, o pertencimento permanente a atividades de trabalho dos amigos. Ele releva querer construir outros caminhos.

(ii) O trabalho na padaria

Frag. 13

- T. 90 Sílvio (...)

Eu trabalhei, eu trabalhava em restaurante comecei a trabalhar em uma padaria foi aonde eu cheguei os amigos foram trabalhar em padaria e meu primeiro emprego foi numa padaria.
Trabalhei quatro meses depois eu, eu consegui um emprego em outro restaurante com um amigo meu e restaurante é mais leve do que trabalhar ni, ni padaria.
Padaria é muito puxado vai até de madrugada e eu tinha que assar pão aquela coisa toda.
e é muita limpeza né tem que tá limpando o tempo inteiro, é farinha pra todo o lado.
Então eu tinha alergia à farinha
então não era o tipo de serviço que dava certo.
- T. 91 Sonia Limpava muito no meio da farinha↑ ((gargalhadas da entrevistadora))
- T. 92 Sílvio Alergia mesmo, tava com a alergia na mão coceira na mão de ficar mexendo com pão o dia inteiro, fazendo massa o dia inteiro.
Aí eu consegui um emprego num restaurante e acabei saindo e:: e aí quando foi março ela chegou aí nós traçamos o objetivo e comecei a trabalhar em dois restaurantes, um de manhã e outro à noite.

Sílvio avalia de forma negativa o seu primeiro trabalho, em uma padaria, em função das horas de trabalho “Padaria é muito puxado vai até de madrugada”, da inclusão dos trabalhos de limpeza “é muita

limpeza né tem que tá limpando o tempo inteiro” e da sua alergia a farinha “Então eu tinha alergia à farinha” (T. 90). O trabalho é transitório, com a permanência de quatro meses. Sílvio, não se incluindo nessa categoria de atividade de trabalho, relata, a seguir, que conseguiu outro emprego em um restaurante “Aí eu consegui um emprego num restaurante e acabei saindo” [...] comecei a trabalhar em dois restaurantes, um de manhã e outro à noite. (T. 92).

(iii) *Categorias de trabalho no restaurante*

A entrevistadora faz perguntas-comentário sobre as condições de trabalho no restaurante “Lá você trabalha por hora né?”.(T. 96) e Sílvio passa a falar sobre a relação custo/benefício dessas atividades, em função do domínio de habilidades de comunicação em inglês.

Frag. 14

T. 96 Lá você trabalha por hora né?

T. 101 Sonia O empregador não tem compromisso?

T. 102 Sílvio (...)

No caso a gente é:: o inicial lá ganha, >ganha< o que geralmente se ganhava na cozinha lavando pratos.

pra quem não sabe fazer outra coisa a não ser lavar pratos porque não sabe fala inglês né? e com isso vai aprendendo a ser ajudante de coziNHEiro, a preparar porque pra chegar a ser cozinheiro você tem que saber falar inglês porque a:: a ordens que vêm do, do chefe elas são cantadas e tudo na mesa tem que sair >junto< tanto a salada quanto o peixe que tá assan::do, o macarrão que tá fazen::do vai tudo pra mesma mesa então não pode isso.

Então na hora que ele canta aquela ordem, aquela ordem é pra todo mundo↓ pra várias pessoas que trabalham ali de repente então todos os cozinheiros tem que fazer cada um a sua parte o que mexe com pato, com peixe, com, com (), né com () tem os que trabalham com sandwich, com salada, o nome é (), mas eu acho que isso aí é tudo igual.

Sílvio vai então construindo as categorias de trabalho no restaurante, em função de tais habilidades. O ‘lavador de pratos’ é aquele que não sabe falar inglês – “quem não sabe fazer outra coisa a não ser lavar pratos”. O ‘ajudante de cozinheiro’ está ainda em fase de aprendizagem. Para chegar a cozinheiro, é necessário o domínio de inglês. Sílvio justifica que as ordens do chefe “são cantadas” e que “tudo na mesa tem que sair >junto” (T. 102). As ordens são dadas, portanto, para todos que trabalham no atendimento e na preparação dos pratos.

4.3 Reconfiguração de construções identitárias em atividades de trabalho nos Estados Unidos e a trajetória da imigração

Fridman (2000), em sua discussão sobre o trabalho, contrasta posições de Giddens (1989) e de Sennet (2002) em relação à especialização flexível e à reflexividade dos atores da pós-modernidade. Giddens ressalta o caráter ativo e reflexivo dos indivíduos a respeito do que fazem em suas vidas cotidianas e referenda a “capacidade de iniciativa”, a “autonomia”, o “lançar-se na vida e correr riscos” (*apud* Fridman 2000:54-58).

Veremos, a seguir, que a atitude reflexiva dos imigrantes conduz à postura de reconfiguração de suas construções identitárias na relação com atividades de trabalho e em objetivos no processo da imigração.

(i) A busca da autonomia

Sílvio constrói posições de busca da autonomia nas atividades de trabalho, através da aprendizagem da língua em uso da comunidade local, em contraposição aos laços de amizade com a comunidade brasileira e as comunidades de outros imigrantes.

Frag. 15

- T. 21 Sonia É como é que é a relação lá nos Estados Unidos, quando você chegou lá? Você não sabe falar inglês, como você vai trabalhAR? Como é que é a comunicação↑
- T. 22 Sílvio E geralmente lá é:: como ce vai (ficar) com seu amigo, você vai trabalhar logicamente do lado dele ou com ele mesmo.
E lá também tem muito o, o que a gente chama de ispano né↑ São os porto-riquenhos, mexicanos, el-salvadorenhos, então eles FAlam a mesma língua da gente, porém um pouco espanhol, né?
(...) mas você tem que, tem que botar na sua cabeça () não eu tenho que estudar porque eu não posso depender de ninguém pra ficar conversando por mim, né?
Foi o que a gente fez. (...)
a primeira coisa era arrumar uma escola pra estudar, né?
Tem inglês que a gente aprende aqui no, no, no Brasil na época que'eu fiz inglês é aquele inglês que você quando chega lá você não tem ouyido pra ouvir o que os caras fala, o que as pessoas falam com você e você não consegue captar o que ele tá falando.
Então fica muito difícil você responder até mesmo pra responder porque você não sabe nem o que ele tá falando, que ele fala muito rápido.
(...)
Então é:: é importante chegando procurar escola e é o que a maioria não faz né?

quer logo arrumar um emprego e, e acostUma com aquele favor do tradutor, do brasileiro traduzindo pra você então cê fica sempre na dependência de alguém.

(...)

Então você começando a estudar, sua tendência é progredir dentro da:: né? Sempre vai procurar um emprego melhor,

Podemos ver, na fala de Sílvio, que as relações do imigrante que chega ao país se dão inicialmente junto aos amigos brasileiros “ce vai (ficar) com seu amigo, você vai trabalhar logicamente do lado dele...” e outras comunidades de imigrantes “... porto-riquenhos, mexicanos, el-salvadorenhos...”, os ‘espanos’. Sílvio manifesta a posição de busca do estudo do inglês “você tem que, tem que botar na sua cabeça () não, eu tenho que estudar...”, como forma de se libertar da dependência do que ele denomina de “...favor do tradutor, do brasileiro traduzindo pra você...”. O aprendizado do inglês funciona como forma de autonomia nas atividades de trabalho: “Então você começando a estudar, sua tendência é progredir dentro da:: né? Sempre vai procurar um emprego melhor”. Sílvio inclui Mércia nessa decisão de estudar “Foi o que a gente fez. [...]a primeira coisa era arrumar uma escola pra estudar, né?” e comenta que “é o que a maioria não faz né?”.

O pertencimento e/ou mudança de categoria nas atividades de trabalho estão sempre relacionados, na perspectiva dos imigrantes, ao domínio ou não do conhecimento do inglês, que seria a porta aberta para poderem se incluir em trabalhos mais compensadores. Mércia, esposa de Sílvio, demonstra grande consciência sobre a necessidade de aprender inglês.

Frag. 16

T. 40 Sonia =Você demorou quanto tempo pra falar Inglês?

T. 43 Mércia Não TEM jeito, né↑ Você cê entende muito bem, mas falar já é outra coisa.

Você pode entender primei:ro mas falar mas é outra coisa, né?

Então eu, eu, eu sempre arrumava um tempinho.

Duas vezes duas aulas duas vezes por semana não pesa, né↑

Então eu saia cansada mesmo. Tinha dia que lavava assim:: MUItos baNHEIros, né?

Que as vezes cê pegava duas casas gran::des pra cê limpa.

Então as vezes cê lavava aí uns oito banheiro, né? e arrumava a casa↓

Então assim↓ e eu ia pra aula depois, né? Então assim, é::: eu já fui com essa, com essa eu sempre gostei de estudar eu sempre achei- porque é um caminho de você se impor, entendeu?

Se cê cê sempre ficar sem saber, outras pessoas resolvendo por você, o patrão sempre te mandando falando o que quer e você

nunca podendo se colocar , então é questão também de respeito.
As pessoas tem que:::, né? saber se::: posicionar no lugar, né?

Após a pergunta da entrevistadora “Você demorou quanto tempo pra falar Inglês?”, a resposta de Mércia revela as dificuldades com o idioma “Não TEM jeito, né? Você cê entende muito bem, mas falar já é outra coisa.”. Mércia inicia, então, o seu relato, com foco no tempo e nas circunstâncias de estudo e trabalho concomitantes. O contraste entre o ‘tempinho’, ‘duas vezes por semana’ que arrumava para estudar e a exaustão do trabalho ‘Então eu saia cansada mesmo. Tinha dia que lavava assim:: MUITOS baNHEIros, né?’ trazem a sua posição de encontrar um caminho de “se impor”.

Mércia revela assim uma identidade de não passividade - “Porque é um caminho de você se impor, entendeu?”. Ela quer ser agente de suas ações e decisões: “Se cê cê sempre ficar sem saber, outras pessoas resolvendo por você, o patrão sempre te mandando falando o que quer e você nunca podendo se colocar”. Ela quer também ser respeitada: “então é questão também de respeito. As pessoas tem que:::, né? saber se::: posicionar no lugar, né?” (T. 43) Sara, como vimos anteriormente, já havia apontado as limitações de atividades de trabalho para quem não dominava o inglês.

Frag. 17

T 111 Sara Mas o meu irmão já entrou na escola está estudando. Eu até que não entrei porque:: o que eu aprendi com as velhinhas já é bastante pra'eu me comunicar com eles=

T 163 Sara E ele falando “não eu tenho que aprender inglês até no máxi::mo até agos::to porque eu quero mudar de serviço.”

Ele quer atender me::sa, ser um garçom e pra isso precisa de um bom inglês↓

°Se não tiver não tem jeito°

Em relação à necessidade de interação com os idosos, sua avaliação conduz à aprendizagem informal: “o que eu aprendi com as velhinhas já é bastante pra' eu me comunicar com eles”. Embora ela tenha a consciência das limitações, ela projeta a decisão de estudo do inglês e de mudança de atividade de trabalho para os planos do irmão: E ele falando “não eu tenho que aprender inglês até no máxi::mo até agos::to porque eu quero mudar de serviço.”

(ii) O estabelecimento de um objetivo versus o consumismo

Giddens (2002), ao tratar das ‘Tribulações do eu’ na modernidade, considera que a mercantilização influencia o projeto do eu

e dos estilos de vida. A posse de bens desejados e a perseguição de estilos de vida são criados artificialmente.

Nas posições de Sílvio, o estabelecimento de um objetivo e a contestação do consumismo estão em questão. Em um dos momentos em que ele e Sonia, a entrevistadora, estão conversando sobre os objetivos dos imigrantes, Sílvio se posiciona “Cê tem que-, cê tem que ir pra lá com um objetivo.”

Frag. 18

T. 44 Sílvio AI- muitos deles acabam nem, nem juntando dinheiro porque vai tendo aquela vidinha normal de quem tem um emprego e se não precisar, se ele desempregar depois arruma outro emprego. Então muitos não conseguem nem mesmo ganhar dinheiro. Cê tem que-, cê tem que ir pra lá com um objetivo. Cê traça seu objetivo, não meu objetivo é construir uma casa no Brasil, é comprar uma fazenda é: então enquanto você não fizer o seu objetivo, você não pode se desviar das coisas que cê foi pra fazer.

(...)

T. 50 Sílvio É:: Então fica difícil você fugir desse consumismo. Então cê vê todo mundo comprando, comprando e você acaba também entrando nesta onda e vai comprando coisas e manda, quer mandar isso pro Brasil, que mandar aquilo pro Brasil e vai mandando e vai gastando. Então se você se desviar desse objetivo que você traçou você também não consegue. Então muita gente larga, não vai à escola porque acaba com esse objetivo, ele acha que não vai conseguir e acaba largando de lado, não vai à escola e também fica dependendo dos outros a vida inteira.

(...)

E nós fomos ficando, ficando lá cinco anos e tratamos o nosso objetivo o que era que a gente queria que era construir uma casa para nós e ter algo que gerasse a ser um aluguel, que ganhasse uma renda tratando desse objetivo.

Depois que esse objetivo ficou concretizado, nós resolvemos voltar, foi numa época, nós voltamos até numa época ruim que era a época que tinha acabado aquele plano que o dólar, um dólar valia um real e:: nós chegamos justamente nesta crise do dólar aqui

e agente acabou dando com os burros na'gua né °como diz o outro né.°

Você tinha muito dólar e na época antes valia um dólar valia três, dois reais, dois e cinquenta.

Sílvio estabelece hipoteticamente qual poderia ser o objetivo: “construir uma casa no Brasil, é comprar uma fazenda.”. Sílvio delinea o

perfil daqueles que, sem fixar um objetivo, são seduzidos pelo consumismo de forma compulsiva “Então cê vê todo mundo comprando, comprando e você acaba também entrando nesta onda e vai comprando coisas e manda, quer mandar isso pro Brasil, que mandar aquilo pro Brasil e vai mandando e vai gastando.”.

Ele faz afirmações que representam recomendações “você não pode se desviar das coisas que cê foi pra fazer” para um tipo de imigrante que se mostra bastante generalizado, em suas conclusões: “muitos deles acabam nem, nem juntando dinheiro”; “Então muita gente larga, não vai à escola porque acaba com esse objetivo”. Sílvia, incluindo Mércia, destaca a persistência do casal em busca de seu objetivo “ficando lá cinco anos e tratamos o nosso objetivo” e o retorno após a sua concretização, após cinco anos de migração.

5. Discussão dos resultados e considerações finais

(i) Configuração das atividades de trabalho nos Estados Unidos

Há limitação do emprego no âmbito das relações de amizade com a comunidade brasileira. Os resultados da análise indicam que o acesso às atividades de trabalho se dá, inicialmente, a partir das relações pessoais com a comunidade de fala brasileira. O ‘emprego do amigo’ é a primeira forma de inserção. Há, no entanto, limitações de atividades de trabalho vinculadas apenas às relações de amizade. São laços de solidariedade, mas não de autonomia – no âmbito do coletivismo e da não individualização.

As categorias em que as mulheres se incluem representam as antigas categorias da mulher cuidadora do lar e das pessoas (cf. Paoletti 2002). Elas tendem a avaliar positivamente a inclusão na categoria de cuidadoras, a partir de justificativas de ordem pessoal. Sara, no entanto, não avalia positivamente a sua inclusão na categoria de *diswasher*, manifestando a sua solidão e a dificuldade com essa atividade de trabalho. Mércia avalia positivamente a sua inclusão nessa categoria, a partir da metáfora da família. É interessante ver que Mércia, no entanto, tem consciência da necessidade de aprender inglês como forma de colocar-se como agente nas atividades cotidianas, assumindo a identidade de estudante. Sara não se vê nesta identidade.

As categorias em que se incluem os homens, no âmbito de serviços de limpeza e de alimentação, embora envolvendo, as últimas, o domínio de habilidades de comunicação da cultura local, também refletem identidades tradicionais, sem redefinição das habilidades profissionais. Gilson não demonstra envolvimento com a categoria de *diswasher*. Ele avalia positivamente e dá ênfase à categoria de entregador

de pizza. Sílvia rejeita atividades de trabalho em padaria e explicita sua posição, buscando encontrar atividades de trabalho diferentes do 'emprego do amigo'.

(ii) Reconfiguração via atitude reflexiva e inserção na comunidade de fala local de natureza sócio-interacional

Os imigrantes percebem que o pertencimento e/ou mudança nas categorias de atividades de trabalho para outras mais compensadoras estão vinculados ao domínio de práticas interacionais de uso do inglês, em diferentes atividades de fala. É o domínio dessas práticas que funciona como 'porta de entrada' a comunidades de prática de trabalho com maior prestígio social. A aprendizagem dessas práticas passa por diferentes processos: via aprendizagem formal, na escola, ou através do próprio trabalho, no desempenho de suas atividades. As categorias em que tanto as mulheres quanto os homens se inserem, no contexto da sociedade americana, não refletem, no entanto, reconfigurações das habilidades profissionais em função da nova ordem do trabalho, em uma sociedade pós-industrial que vem sendo nomeada como sociedade de conhecimento.

Destaca-se, sobretudo, o caráter ativo e reflexivo principalmente de Sílvia e Mércia na condução de suas vidas, na busca de autonomia, em sua capacidade de iniciativa (Giddens 1989; *apud* Fridman 2000:54-58). Eles percebem que a mudança para categorias de atividades de trabalho mais compensadoras está relacionada ao domínio de práticas interacionais do inglês.

Sílvia alerta para o perigo do consumismo, sem o estabelecimento de um objetivo bem definido e perseguido no tempo de permanência no país. Temos aí a discussão da mercantilização influenciando o projeto do 'eu' e dos estilos de vida (Giddens 2002). Nos dizeres de Cangini (1999), os imigrantes brasileiros são consumidores ou cidadãos em seus vínculos com os Estados Unidos? Nas reflexões de Sílvia, percebemos, sobretudo, o risco do consumismo e da instabilidade do 'eu' nos imigrantes, sem o estabelecimento de um objetivo de vida que unifique .

Sílvia enfatiza, ainda, em sua fala, que "cê tem que ir pra lá com um objetivo.". O seu objetivo era de construir uma casa no Brasil, de comprar uma fazenda. Ela alerta também para o perigo do consumismo (cf. Cangini 1999), porque "lá é uma tentação né tem tudo, tudo de primeiro mundo todo o dia aparece coisa nova é uma máquina de retrato nova é uma máquina de filmar nova".

(iii) Reconfiguração das identidades no retorno ao Brasil

No retorno ao país de origem, há reconfiguração das construções identitárias dos imigrantes. Sílvio considera terem atingido o objetivo do casal, que consistia em “construir uma casa para nós e ter algo que gerasse a ser um aluguel” (T. 50). Ele aponta, no entanto, para as circunstâncias negativas do retorno “nós chegamos justamente nesta crise do dólar aqui e agente acabou dando com os burros na’gua né”. O retorno se deu na época de mudanças na economia brasileira, de equiparação entre o dólar e o real.

Sílvio tem atualmente um projeto de se dedicar à vida política e Mércia, de professora do ensino das primeiras séries, passou a professora de inglês, estando já elaborando sua monografia final em um curso de especialização em Língua Inglesa.

O casal Gilson e Sara passa a se dedicar a uma atividade comercial de pequeno porte, embora Sara se dedique, em especial, a criar os filhos.

Percebe-se, no entanto, em suas falas, que todos eles têm o desejo de voltar aos Estados Unidos ou de ir em busca de outros rumos. O casal Gilson e Sara expressa o desejo da legalização da cidadania italiana para os filhos, já que assim estes poderiam estudar fora.

Gilson: “Eu tô fazendo legalização italiana. (...) Tô pensando nos meus filhos porque no dia de amanhã você imagina, eles podem estudar fora já vão, já vão sem, sem problema nenhum=”.

Sara: “Se precisar de ficar lá uns dois ou três anos eu tenho vontade de ficar. Mas agora, agora não porque os meninos estão na escola é difícil tirar eles daqui.”

Sílvio e Mércia, que tiveram um filho nos Estados Unidos, lá voltariam para educar o filho.

Mércia: “Eu se tiver que falar comigo que pra mim voltar eu volto, entendeu?”

Sílvio: Então fica, pra quem já morou lá e vem pra cá é muito difícil continuar morando no Brasil. A tendência é voltar mesmo.

A viagem aos Estados Unidos permanece assim, para os dois casais, como ‘uma fronteira aberta’ em suas expectativas de vida e de desestabilização identitária.

Referência bibliográfica

- ATKINSON, J. MAXWELL; HERITAGE, John. 1984. *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CANGLINI, Néstor García. 1999. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio: Editora da UFRJ.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (eds). 2006. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- FONTANA, A.; FREY, J. H. 2000. The interview: From structured questions to negotiated text. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. 2nd ed. EUA: Sage.
- FRIDMAN, Luiz Carlos. 2000. *Vertigens pós-modernas*. Rio: Relume & Dumará.
- GIDDENS, Anthony. 2002. Tribulações do eu. In —: *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, p.168-192
- HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. 1997. Active Interviewing. In: SILVERMAN, D. (ed.). *Qualitative Research: Theory, method and practice*. Great Britain: Sage, p. 113-128
- LINDE, Charlotte. 1997. Evaluation: a linguistic structure and social practice. In —: *Life stories*. New York: Oxford University Press.
- HUNSTON, S.; THOMPSON, G. 2003. Evaluation: an introduction. In —: (eds.). *Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, p. 1-27.
- MÄKITALO, Asa; SÄLJÖ, Roger. 2002. Talk in institutional context and institutional context in talk: categories as situated practices. *Text*, 22(1)57-82
- MISHLER, E. G. 1986. *Research Interviewing: Context and narrative*. USA: Harvard.
- PAOLETTI, Isabella. 2002. Caring for older people: a gendered practice. In: STOKOE, Elizabeth H.; WHEATHERALL, Ann (eds.). *Gender, language, conversation analysis and feminism. Discourse & Society*, 13, (6): 805-817, nov. Special issue.
- PEREIRA, Maria das Graças Dias. 2004. *Imigrantes brasileiros de classe popular nos Estados Unidos: Construções identitárias na relação com atividades de trabalho*, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004. Disponível no site do congresso <http://www.ces.uc.pt/http://www.ces.uc.pt/>
- SACKS, Harvey. 1992. *Lectures in conversation*. Cambridge: Blackwell.
- SALES, Teresa. 1999. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez.
- SCHFFRIN, Deborah. 1990. The management of a co-operative self during argument: the role of opinions and stories. In: Allen D. Grimshaw, *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in*

conversations. 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press, p. 241-259

— _____. 1987. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge.

— SENNETT, Richard. 2002. *A corrosão do caráter*. 6. ed. São Paulo: Record.

— SHI, Xu. 2000. Opinion discourse: Investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinion. *Research on language and social interaction*, 33(3): 263-289.

— TANNEN, Deborah. 1989. *Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.